

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LADO B.B.
8 e 10 de outubro de 2026

THE DEVIL IS ENGLISH / 1968

Um teledisco de François Reichenbach

Realização: François Reichenbach / Autoria da Letra da Canção Original: Serge Gainsbourg / Álbum: Brigitte Bardot Show, 1968 / Intérprete: Brigitte Bardot / Produção: Les Films du Quadrangle / Cópia: Digital, a cores, cantado em francês / Duração: 2 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

SHALAKO / 1968

Um filme de Edward Dmytryk

*Realização: Edward Dmytryk / Argumento: J.J. Griffith, Hal Hopper, Scott Finch, Clarke Reynolds baseados num romance de Louis L'Amour / Produção: Euan Lloyd, Artur Brauner / Produção Associada: Hal Mason / Produção Executiva: Dimitri De Grunwald / Música: Robert Farnon, a música *Shalako* é da autoria de Jim Dale / Direção de Fotografia: Ted Moore / Montagem: Bill Blunden / Direção Artística: Herbert Smith / Guarda-roupa: Cynthia Tingey / Gestão de Produção: Ronnie Bear / Assistência de Realização: Joe Ochoa, Peter Price / Som: George Stephenson / Montagem Sonora: Keith Palmer / Interpretações: Sean Connery (Shalako Carlin), Brigitte Bardot (Countess Irina Lazaar), Stephen Boyd (Bosky Fulton), Jack Hawkins (Sir Charles Daggett), Peter van Eyck (Baron Frederick von Hallstatt), Honor Blackman (Ladey Daggett), Woody Strode (Chato), Eric Sykes (Mako), Alexander Knox (Henry Clarke) Valerie Fernch (Elena Clarke), Julian Mateos (Rojas), entre outros / Cópia: 35 mm, a cores, falado em inglês com legendas em sueco e com legendagem eletrónica em português / Duração: 111 minutos / Estreia Mundial: 26 de setembro de 1968, República Federal Alemã / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 113 minutos.

Aviso: ao início desta sessão, projeta-se um “videoclipe-surpresa” identificado neste cabeçalho. A cópia em 35 mm de **Shalako** apresenta alguns riscos e pequenas distorções na banda sonora.

A história da produção do filme confunde-se, a um nível superficial, com a sua história: produzido com dinheiro britânico, realizado pelo cineasta canadiano, que fez carreira nos Estados Unidos, Edward Dmytryk, protagonizado por uma das maiores estrelas do Reino Unido, nada mais do que Sean “007” Connery, a gozar de um “período de nojo” em relação à personagem que tanto o celebrou, e a grande musa do cinema francês, Brigitte Bardot, numa tentativa de conquista do território americano após ter trabalhado com alguns dos maiores nomes do cinema do seu país. É, nestes termos, que a equipa de produção vai à caça em território índio.

A história do filme anda à volta de uma caçada organizada por um grupo de aristocratas europeus (composto por russos, ingleses, italianos e franceses), onde se conta a condessa Irinia Lazaar (Brigitte Bardot), em pleno Novo México, no final do século XIX. O facto de terem invadido

território protegido dos Apaches e de aí permanecerem desmerecendo sinais explícitos da parte dos autóctones levará a “figura neutra”, Shalako, o *cowboy* ex-militar com reputação mais ou menos lendária, temido mas respeitado pelos índios, a assumir uma posição de mediador do conflito sangrento que se prenuncia. A tarefa vai ser árdua e ingrata para Shalako já que os caçadores europeus não querem ceder um milímetro em relação às suas intenções.

Shalako é um filme de premissa forte, que remexe na ferida do colonialismo aberta no coração do território norte-americano, uma história de poder e disputa que vai sendo tomada por outra de pendor romântico, onde se juntam as personagens de Connery e Bardot. Quanto mais Shalako se envolve neste conflito, mais conquista a simpatia e compaixão de alguns dos europeus presentes nessa “*hunting party*” em que a caça de animais imediatamente remete para a longa e dolorosa história de perseguição e extermínio dos índios na sua própria terra. É a arrogância do homem branco, na pior face do colonialismo, o principal alvo tanto das flechas e machados dos índios como do olhar de Edward Dmytryk, cineasta que, após se ter tornado nome de referência no género do *noir*, realizou alguns *westerns* de vincada dimensão política e psicológica, tais como **Broken Lance** (1954) e **Warlock** (1959).

Muito se escreveu sobre o inglês remendado de Bardot (também passível de ser notado na música, cujo videoclipe foi realizado por François Reichenbach na *swinging London*, *Le Diable Est Anglais*, tema do álbum *Brigitte Bardot Show*) e sobre a falta de química com Connery, que não voltaria a fazer um *western* e que regressaria à sua mais celebrizada segunda pele em 1971 com **Diamonds are Forever**. Neste particular, **Shalako** parece redundar numa experiência falhada para os seus protagonistas. Todavia, visto hoje, o seu texto político revela-se tão ou mais premente do que no ano da respetiva produção. A incompreensão face às lideranças “ocidentais” e à chacina dos povos mais fracos potencia a nossa identificação com a dimensão heroica (um heroísmo triste e solitário) da personagem de Shalako, este mediador algo perdido entre lados (será que ele acredita mesmo na defesa destes homens consumidos por um sentimento de arrogante superioridade face ao direito do povo Apache ao seu território?), tentando apagar fogos deflagrados por aqueles que se dizem representantes da civilização contra a barbárie (neste sentido, esta personagem de Connery, tal como, aliás, o tom geral do filme, fez-me recordar a história do biólogo que encarnou em **Medicine Man** [1992], de John McTiernan, sendo que a ameaça estúpida aí tinha como alvo uma parte da floresta da Amazónia).

A luta do herói é algo inglória assim como o é o nosso sentimento hoje de que podemos fazer alguma coisa para que guerras absurdas como estas se espriam planeta fora. O “The End”, após a luta “mano a mano” com o filho do líder Apache, interpretado por Woody “Sargeant Routledge” Strode, aparece tingido não por qualquer *flare* romântico, mas, antes, por um sentimento geral de impotência e de ceticismo face ao futuro desta humanidade cindida, em que, por vezes, parece mesmo que o diabo fala inglês.

Luís Mendonça